

DOZE DIAS DE TENSÃO E SIGILO

Brasil

Zuleika de Souza 17.7.96



Antônio Kandir, um dos principais articuladores do pacote fiscal lançado pelo governo: defesa de medidas objetivas e idéia de "freio nas quatro rodas"

Até políticos próximos ao presidente foram surpreendidos pelas medidas, que deixaram ministros e técnicos em estado de alerta

Gerson Camarotti
Da equipe do Correio

Guardado a sete chaves pelos ministros Pedro Malan, da Fazenda, e Antônio Kandir, Planejamento, o pacote fiscal anunciado na última segunda-feira já estava sendo pensado desde a quarta-feira, 29 de outubro — quase duas semanas antes — em meio à apreensão causada pela queda das bolsas de valores em todo o mundo.

Enquanto o presidente Fernando Henrique Cardoso cobrava as reformas do Congresso, os ministros e técnicos econômicos do governo já se empenhavam na formulação do pacote. O anúncio do aumento dos juros que seria feito na quinta-feira (30) era apenas o início. Tudo era mantido em sigilo. Nem os líderes governistas estavam sabendo das intenções do governo.

Foi uma surpresa. Sentia um movimento maior no governo, mas não sabia o que era. Só no domingo passado o presidente me ligou e deu a notícia", contou o senador Elcio Alvares (PFL-ES), líder do governo no Senado, que chegou em Brasília naquela noite. Ele só ficou sabendo dos detalhes na manhã da segunda-feira — no mesmo dia em que o pacote foi anunciado ao país — num café da manhã na casa do vice-presidente Marco Maciel. Outros líderes ouvidos pelo **Correio Brasileiro** também contaram histórias semelhantes.

Por mais emergenciais que fossem as medidas, seria impossível supor que em apenas um final de semana elas saíssem da cartola, como num passe de mágica. O sinal amarelo foi aceso ainda no primeiro *crash* das bolsas, que ocorreu no dia 23 de outubro. Em viagem a Nova York, o ministro Antônio Kandir acompanhou de perto a crise. Voltou na terça-feira (28) ao Brasil. Es-

tava assustado com o que tinha visto. Se a semana estivesse tranqüila, não viria nem a Brasília.

FREIO NAS QUATRO RODAS

Mas não foi assim. Na segunda-feira a Bolsa de São Paulo havia tido uma queda monstruosa: 14,97%. Na terça-feira, tinha sido necessário realizar oito leilões das reservas cambiais do país para não deixar a moeda brasileira se desvalorizar frente ao dólar. O presidente Fernando Henrique chamou o ministro Malan e seus assessores ao Palácio da Alvorada. A partir de então, essa passou a ser a principal preocupação do presidente.

Na quarta-feira (29), Fernando Henrique comandou uma reunião ampla com toda a equipe no Palácio do Planalto. "Se for preciso, o governo não deve ter timidez em travar as quatro rodas", disse Kandir para os presentes, evidenciando a linha que seria tomada daquele momento por diante. Nessa reunião, se decidiu dobrar as taxas de juros — medida que seria anunciada no dia seguinte — e as primeiras linhas do que seria o pacote, divulgado só na última segunda-feira.

"Era consenso que o aumento dos juros era uma medida de emergência tomada somente para apagar o fogo. Nesse dia, ficou decidido que se fariam medidas robustas", revelou o secretário-executivo do ministério do Planejamento, Martus Tavares.

Segundo um interlocutor do presidente, a partir daquela semana o governo ficou retraído. Enquanto a equipe começava a preparar o primeiro esboço do pacote, Fernando Henrique fez questão de manter todos os compromissos. Foi a forma que encontrou para demonstrar tranqüilidade.

Já os ministros e técnicos econômicos cancelaram a agenda para se

dedicar ao pacote. O ministro Antônio Kandir, por exemplo, teve que cancelar a viagem que faria a Washington, onde iria representar o Brasil na eleição que reconduziu Enrique Iglesias à presidência do Banco Interamericano de Desenvolvimento.

MEDIDAS GENÉRICAS

Na terça-feira (04), a pauta da reunião ordinária da Câmara de Política Econômica foi tomada por um único assunto: o ajuste fiscal. A

primeira proposta apresentada foi a da equipe do Ministério da Fazenda. A idéia era anunciar uma série de metas genéricas. O ministro Kandir discordou. Lembrou que em 1995 o governo já tinha feito algo semelhante, mas não havia conseguido cumprir boa parte do que propôs.

"Do jeito que está a crise, o mercado vai cobrar posições objetivas", argumentou Kandir, explicando que deveria ser apresentado um ajuste fiscal amplo, inclusive com o resul-

tado, em termos de superávit, que cada medida iria gerar. Os ministros Clóvis Carvalho e Pedro Malan concordaram com Kandir. A partir desse momento, a sintonia da equipe econômica passou a ser total. Ao acabar a reunião já se tinha idéia de que o ajuste fiscal deveria representar um valor superior a R\$ 15 bilhões. Pensou-se até no aumento da CPMF, logo descartado por ser um imposto vinculado a uma única pasta, a da Saúde.

Na terça-feira, os líderes gover-

nistas haviam tido no final da manhã um encontro com o presidente Fernando Henrique e os ministros da área econômica. Nessa conversa, as propostas eram genéricas. Falava-se apenas em cortes no custo e se descartou mexer em investimentos. Naquele momento, as emendas orçamentárias dos deputados estavam asseguradas. "Não existe pacote. Neste governo, tudo é feito às claras", disse o líder do PSDB na Câmara, Aécio Neves, ao sair do encontro.